

Os nossos sonhos

Éramos umas centenas de jovens oficiais há trinta e nove anos. Alguns sabiam o que queriam para o futuro de Portugal, mas a grande maioria sabia o que não queria mais para o nosso país e para a sua gente. Tínhamos sonhos e faltávamos ideais e ideologias. Fizemos o 25 de Abril de 1974, cada qual na sua “trincheira” Depois de muitas indefinições, e tentativas de alcançar o poder a todo o custo, redefiniu-se o nosso sonho. Vieram os Governos constitucionais e com eles o desejo de unir o destino político do país ao da Comunidade Económica Europeia. Parecia que não sobreviveríamos isolados num continente que era ainda e só um pequeno conjunto de Estados. Não procurámos caminhos alternativos. Perdemos o sentido da originalidade, desprezámos o passado e o sentido da História, porque julgávamos que esta se havia fechado ao arriar a bandeira republicana e portuguesa nos territórios de além-mar. Esquecemos os oceanos e as caravelas, esquecemos a situação geográfica do país e da costa nacional, esquecemos que somos um povo de “transição”, um entreposto comercial... sempre o fomos, sempre o havemos de ser. A maldição da ditadura continuava a pairar sobre os Portugueses: apagou-lhes a lucidez e a visão dos largos horizontes, varreu-lhe o desafio do único “deserto” que a nossa genética berbere nos aponta como caminho a ser explorado: o mar. Prevaleceu o pensamento estrangeirado de todos os políticos criados à sombra das ideias que pairavam lá para além das nossas fronteiras. Prevaleceu a fantasia que uma nova gente havia nascido na madrugada de 25 de Abril de 1974, esquecendo que há um inconsciente colectivo que não vem no sangue, mas na cultura, nas histórias que são contadas, nas lendas que se recordam – quem as recorda e sabe! – nos cantares, na sonoridade das palavras, nos risos e sorrisos, nas danças, nos amores que se cruzam nos olhares das moçoilas e dos mancebos das aldeias, no embalo dos recém-nascidos, no sol do Verão e no vento agreste do Inverno das serranias, nas conversas dos velhos e na curiosidade dos jovens. Tudo se esqueceu, porque se queria esquecer a ditadura; julgava-se que ela era responsável pelo saber de séculos, quando, afinal, era responsável por ter calado o que a modernidade calou: a História. E nisso, democratas e fascistas igualaram-se: -não quiseram saber da alma popular, da parte transcendental do ser Português. Daquele que foi ao Japão no século XVI e daquele que, pendurado no espaço como se no cesto da gávea estivesse, pintou a torre Eiffel no século XX. Esqueceram o “destino” que desenhou, a ferro e fogo, a Estratégia Nacional, mesmo quando ainda não se sabia o que era estratégia e não tinha entrado no vocabulário corrente a palavra nacional. Esqueceram o rumo, o “nosso norte”, o ponto marcado pelo astrolábio de uma vontade pachorrenta, mas, por isso mesmo, timbre de um

Povo. Sucederam-se os Soares, os Cavacos, até chegarmos aos analfabetos de Sócrates a Passos, toda a corja de ignorantes (a quem chamam ministros) que incensamos como quem odoriza novos templos que de sagrado só têm a aparência. Há trinta e nove anos, éramos jovens capitães, inocentes, mas sonhadores, porque sabíamos que guardávamos em nós as raízes da História, da Estratégia Nacional, da Cultura Portuguesa, da sagrada Portugalidade! Hoje estamos velhos e muitos, talvez os melhores de nós, já partiram para o Oriente Eterno, o Oriente dos nossos sonhos, outros para lá caminhamos, e já não conseguimos mais do que contar histórias que vão ser lendas na época de barbárie que se avizinha.

Sousa Machado